

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



SE TEM ESCRAVIDÃO, HÁ RESISTÊNCIA: Uma análise do trabalho escravo e luta negra a partir de uma apresentação carnavalesca.

Francisco Ernande Arcanjo Silva*

RESUMO: O trabalho escravo sempre foi acompanhado de resistência negra. Diferentes lutas coletivas e individuais surgiram na história tanto no período colonial quanto pós-colonial. Em 2018, o desfile da Escola de Samba Tuiuti destacou-se nas redes sociais em razão da sua crítica contra a situação de trabalho escravo e a questão negra, sobretudo, que perdura até os dias atuais sob novas facetas. Pela relevância do tema na atualidade e a repercussão que a partir do seu enredo, faz-se necessário uma investigação. Pergunta-se que contribuição histórico-crítica o desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti trouxe a sociedade acerca da relação trabalho e escravidão na perspectiva da resistência negra. A Pesquisa objetiva analisar a relação trabalho escravo e resistência negra a partir do desfile da Escola de Samba citada, a luz da dialética histórica. A metodologia segue por uma abordagem qualitativa, através de um apanhado bibliográfico e por uma análise a luz do método histórico-dialético. O texto é dividido em três seções: na primeira, um apanhado histórico da resistência negra no Período Colonial (RIBEIRO, 2015; MOURA, 1993); na segunda, algumas lutas do negro pós-abolição (FERNANDES, 2017; MUNANGA e GOMES, 2006). Na terceira seção, por meio do desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, é feita análise acerca da relação escravidão e resistência negra. Considera-se que o Desfile contribui significativamente por apontar de forma sistemática, criativa e didática que o negro as diferentes formas de trabalho no Brasil tem relações escravocratas e que, por isto, o negro esteve sempre resistindo.

Palavras-chave: Negro. Trabalho. Resistência.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho escravo sempre foi acompanhado de resistência. No Brasil, os negros, desde o período colonial, submetidos a este regime, desenvolveram diferentes estratégias de lutas por liberdade. E, mesmo depois da colonização, conforme foram se dando as mudanças históricas, não deixaram de criar diferentes formas de protesto e recusa ao poderio escravocrata com suas metamorfoses na história. Assim, embora, com a assinatura da Lei

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Áurea, em 1888, diante do desenvolvimento capitalista, os negros, permaneceram resistindo contra as novas condições de trabalho até os dias atuais.

A Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, em 2018, apresentou no Sambódromo o enredo “Meu Deus, meu Deus está extinta a escravidão?”, que fez uma contundente crítica à situação de trabalho relacionado à escravidão, trazendo uma grande repercussão na mídia e na sociedade. Além disto, por se tratar de um tema debatido na atualidade e por razão da ocorrência do desmonte de políticas trabalhistas e condições escravistas de trabalho, faz-se necessário investigar esta questão como contribuição acadêmica e científica no debate contemporâneo. Portanto, pergunta-se que contribuição histórico-crítica o desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti trouxe a sociedade acerca da relação trabalho e escravidão na perspectiva da resistência negra?

Neste sentido, a Pesquisa objetiva analisar a relação trabalho escravo e resistência negra a partir do desfile da Escola de Samba citada, a luz da dialética histórica. Para isto, a Pesquisa segue por uma abordagem qualitativa, visto que ela possibilita apreender elementos subjetivos, simbólicos e outros valores que a pesquisa qualitativa não conseguiria (MINAYO, 1994, p. 21 e 22). Quanto a coleta de dados, é feita por meio bibliográfico em blogs, revistas científicas e webjornais. Por fim, para análise dos dados utiliza-se do método histórico-dialético.

O texto divide-se em três seções. A primeira faz um apanhado histórico da resistência negra diante do trabalho escravo no contexto da colonização (RIBEIRO, 2015; MOURA, 1993). Na segunda seção, são apreendidas algumas lutas do negro pós-abolição até os dias atuais (FERNANDES, 2017; MUNANGA e GOMES, 2006). Na terceira seção, por fim, é feita uma análise do desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti.

2 ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA NEGRA NO PERÍODO COLONIAL: UM ESBOÇO HISTÓRICO

A escravidão, com os negros no Brasil, Século 16, por ser parte da lógica do projeto socioeconômico europeu dominante, que se iniciava, constitui-se como uma das piores formas

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



de negação humana e violação dos corpos. Ao arrancar pessoas de sua gente, de suas terras, de suas culturas não seria outra coisa, senão para matá-las em todas as formas enquanto povo (RIBEIRO 2015, p. 89).

Contudo, embora a historiografia oficial tentou esconder que a relação oprimido-opressor deu-se dentro de um processo conflituoso e combativo, desde o início houve uma resistência incrível que irá perdurar até os dias atuais sob diferentes formas. Clóvis Moura chegou a perceber, quanto ao embate senhor-escravo, como uma luta de classes (tratando numa compreensão marxista), visto que eles buscaram diferentes formas de se organizar para combater o regime escravista (MOURA, 1993, p. 10).

De fato, dentro deste processo de luta, desfavorável aqueles em condição de opressão, uma das primeiras grandes resistências dos negros seria, diante de tamanha violência, continuarem a ser humanos (RIBEIRO 2015, p. 90). Depois, diante da terrível violência conseguem se reconstruir nas terras do Brasil com suas experiências étnico-raciais e outros aspectos, criando diferentes mecanismos de sobrevivência e organização, possibilitando uma unidade coletiva em suas diferenças. Por exemplo, embora trouxessem uma carga de revoltas intertribais de suas origens e as diferenças culturais, como as religiosas, não deixaram de se unir para resistir às atrocidades.

A resistência negra, portanto, no Brasil, começa desde a chegada. Alguns elementos, adiante, tratados por Darcy Ribeiro faz perceber esta verdade (RIBEIRO, 2015, p. 90 e 91). Primeiramente, por não conseguirem comunicar-se devido a mistura de pessoas originárias de diferentes línguas, os negros aprenderam, observando as falas dos próprios capatazes, a entenderem-se. Também, as muitas concepções religiosas, diante da imposição cultural do novo mundo, fez com que juntassem elementos culturais de modo que os conduzissem a uma certa unificação. Além disso, passaram a influenciar com seus costumes as regiões que ocupavam, embora escravizados.

Levados para o lugar do engenho, ou minas, lugares da base de produção econômica da Metrópole. Lá, aguardavam o trabalho por 18 horas todos os dias, desprovidos de tudo, senão da ração para trato como de animais. Os castigos diários intuía lembrá-los que rebeldias – Por exemplo: tentativas de fugas - não seriam toleradas. Sobrava-lhes o direito a alguma relação afetiva nas condições miseráveis das senzalas e o domingo para plantar algo

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



para alimentar-se. Diante de tudo isto, por razão de serem a base de produção econômica, os negros e negras não tinham outro destino senão trabalhar como escravizados até o corpo não suportar mais. Uma saída possível seria, então, a fuga, quer seja com o suicídio, quer seja para sobreviver em outro lugar, sendo as duas opções como algo comum (RIBEIRO, 2015, p. 90).

Assim, a princípio, os quilombos, no Brasil, foram construídos com base nas fugas. Depois irão surgir novas jeitos de construir quilombos. De qualquer forma, os quilombos não podem ser entendidos apenas do ponto de vista das fugas, pois eles, desde cedo, apresentaram um projeto evidente de resistência e alternativa frente a sociedade escravista. Assim, pode-se afirmar que a força organizacional maior de rebeldia negra será o quilombo. Tanto que ele será uma luta constante em todo o período da escravidão e sobreviverá até a os dias atuais.

3 LUTAS DO NEGRO PÓS-ABOLIÇÃO: ELEMENTOS DE RESISTÊNCIA EM NOVOS TEMPOS

Há duas concepções predominantes no que tange a leitura histórica da abolição. Uma parte de “cima”, da “casa-grande”, da burguesia, dos liberais, quando defende ter sido um evento de “boa ação” por parte do Estado e das elites. A outra parte de “baixo”, da senzala, dos movimentos sociais, de intelectuais marxistas, posto que compreendem a luta do negro como fundamental no processo abolicionista. Portanto, uma leitura dialética possibilita entender estas duas concepções dentro de um antagonismo de luta permanente na formação do Brasil.

A visão burguesa nega as lutas negras como parte imprescindível do que ocorreu em 1888. Na verdade, os negros foram os responsáveis principais para deflagrar a assinatura “forçada”. É Interessante saber que a resistência somava-se entre escravizados, ex-escravizados e alguns brancos das camadas populares (FERNANDES, 2017, p. 104). Portanto, quando a Princesa Isabel assinou a Lei já havia um desgaste profundo e irreversível do regime escravocrata colonial.

Tem-se enfatizado a ideia (pela concepção da “Casa-grande”) de que, a partir da Lei Áurea, foi resolvido o problema da escravidão e, posteriormente, os negros ficaram passivos

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



frente a realidade situacional em que foram submetidos, o que não é verdade. Os protestos prosseguiram, embora com novas nuances (FERNANDES, 2017, p. 55) até os dias atuais.

Frente as novas situações, os negros desprovidos de qualquer proteção e na falta de oportunidades de “trabalhos livres” e/ou na recusa aos “empregos”, continuavam a resistir não menos do que o período anterior. Por isto muitos optavam em viver “jogados a sorte”. Contudo, de modo geral, nunca houve acomodação. Surgiram diferentes forças populares. A busca por conquista de espaços numa sociedade que se moldava conforme a lógica capitalista, possibilitou muita violência. Dentre as resistências organizadas, vale ressaltar a Revolta da Chibata, a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e o Movimento das Mulheres Negras (MUNANGA 2006p. 108).

Sobre a Revolta da Chibata: foi um importante movimento ocorrido no ano de 1910 por alguns dias, tendo Antônio Cândido uma das lideranças, Além de não ter sua valorização merecida na história oficial, pouco se percebe sua relação com a questão negra. O movimento deflagrou-se quando um marujo recebeu 250 chibatadas. No dia seguinte do ocorrido os revoltosos apontaram canhões para o Rio de Janeiro, com ameaça de destruí-la se o governo não cumprisse suas exigências. Vale ressaltar que os trabalhadores em condição desumana, enquanto havia um grande investimento naval

Também, a Frente Negra Brasileira significou uma importante organização na luta do negro, começando em 1931. Sua atuação voltava-se para a integração negra na sociedade em um momento intenso quando se iniciava com afinco o desenvolvimento industrial, onde, cada vez mais aumentava a exploração da “mão de obra” na produção do capital acumulativo. A entidade chegou a criar em 1936 um partido político.

O contexto do Estado Novo oportunizou novas formas de lutas e organizações preocupadas em refletir a identidade negra na perspectiva dos descendentes de escravizados, diante da sociedade que buscava um nacionalismo. Neste meio os negros por entender que se encontravam nas condições mais desfavoráveis na produção econômica, como em outros setores da sociedade não poderiam se isentar em conquistar espaços. Para isto provocaram tensões perante o poder público com a finalidade de conseguirem políticas sociais voltadas para as suas condições específicas, uma vez que por entenderem ser parte do processo

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



histórico do trabalho com maior responsabilidade na construção do País, mas terem ganhos necessários para a sua coletividade (GOMES, 2013, p. 179).

Outro movimento marcante foi o chamado Teatro Experimental do Negro (TEN), cuja origem deu-se em 1944, no Rio de Janeiro, em um momento de busca pela redemocratização, quando o Estado Novo deflagrava uma intensa perseguição aos movimentos reivindicatórios. No processo dos movimentos organizados, as mulheres negras deram contribuições significativas. Contudo, a partir dos anos 60, no acirramento das lutas populares, elas passaram a se organizar com maior numa sociedade que se forjava cada vez mais numa estrutura capitalista sexista, machista e racista. Cabe salientar que desde este período, anos 60 o Movimento Negro tem se fortalecido continuando a lutar até os dias atuais contra as novas formas de trabalho escravo.

4 DESFILE DA PARAÍSO DO TUIUTI: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Do Sambódromo do Rio de Janeiro, em 2018, a mídia dominante foi forçada a apresentar uma contundente crítica acerca das condições sociais e políticas pelas quais o Brasil tem vivido no que diz respeito a relação escravidão e trabalho, diante dos desmontes de políticas trabalhistas deflagradas no Governo Atual. Tal crítica nasceu do morro São Cristovão, Rio de Janeiro, através da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, cuja apresentação foi cujo desfile, no período, chegou a ser um dos assuntos mais discutidos nas redes sociais no Brasil e no Mundo (FORUM, 2018). Depois disto, o desfile passou a ser matéria informacional em muitos webjornais, blogs outros espaços.

Cabe salientar que o Morro Tuiuti carrega uma forte tradição carnavalesca, considerado como um dos berços carnavalescos, pois nele nasceram: Unidos do Tuiuti, o Bloco dos Brotinhos, Paraíso das Baianas e Paraíso do Tuiuti. No começo do Século XX, o local não apresentava habitantes até quando houve uma reforma urbana que levou pessoas pobres a saírem dos cortiços na cidade, tendo, inclusive, muitos ex-escravos e, também, imigrantes para morarem no morro que fica tão perto do Palácio que recebeu a família real em 1808 (RICHMOND, 2013).

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A Escola apresentou o samba enredo “Meu Deus, Meu Deus, Está extinta a Escravidão?”, cuja justificativa (LIESA, 2018, p. 181) nasceu por ocasião dos 130 anos, que se completa em 2018, desde que foi assinada a Lei Áurea pela Princesa Isabel, abolindo o fim do trabalho escravo no Brasil. Também, O enredo baseou-se no histórico samba-enredo “Sublime Pergaminho”, apresentado pela Escola Unidos de Lucas em 1968, em plena perseguição da Ditadura Civil-militar, durante, exatamente, a vigência do Ato Institucional 5.

Ao partir da ideia da escravidão, relacionando o ontem e o hoje, a Escola buscou trazer uma reflexão filosófica e político-social acerca da exploração do “homem pelo homem”, focado no trabalho, que tem se sustentado desde os tempos remotos até o desenvolvimento capitalista, configurando-se em diferentes formas de violência na história por meio da força física, armamentista, simbólica etc. Contudo, neste meio, sem indicando que os negros, embora sendo os mais afetados não deixam de lutar por liberdade.

O roteiro do Desfile do Tuiuti apresentou 29 alas, cinco alegorias e 1 tripé. Tudo organizado em seis setores, cujas temáticas, todas pertinentes, sistematizadas numa lógica histórica e pedagógica. O primeiro trouxe o tema “Meu Paraíso é Meu Bastião”, tendo a primeira e a segunda ala: Uma com o título “Quilombola do Tuiuti”, a outra “Sabedoria Quilombola”. É interessante observar que logo na “Comissão de Frente” do Desfile fica evidente a opressão pelo trabalho escravo e a tentativa permanente do negro se libertar. Também, a porta-bandeira ergue o punho fechado para cima indicando resistência. O quilombo como significado da luta coletiva do negro, posto que hoje ele, ainda, existe em diferentes formas, organizando de algum jeito a resistência negra que seja por meio de comunidades tradicionais, quanto por meio de favelas.

O Setor 2 teve o tema “Pobre Artigo de Mercado”, com seis alas (da terceira a nona) manifestando o percurso histórico no qual sempre houve escravidão e luta. Na terceira, foi a “Corveia Egípcia”; na quarta, o “Cativo Babilônico”; na quinta, “Serviçal Grego”; na sexta, “Gladiador Romano”; sétima teve os “escravos Eslavos; na oitava, por fim, o “Escravo Árabe”. A Escola preocupou-se em mostrar que desde as primeiras civilizações sempre houve escravidão, embora nem sempre fora visível. Isto contrapõe-se a ideia dominante nos estudos oficiais que sempre preocupou-se em mostrar uma separação linear na história entre livres, servos e escravos.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Sobre o Setor 3, que teve o tema: “Falta em seu peito um coração ao me dar a escravidão”, apresentou cinco alas. Seguindo a numeração: A nona Ala expressou a “África e Europa”. Já a décima trouxe “Ouro, marfins e Peles. Na ala das bainas, que foi a décima primeira, mostrou tratou da “Riqueza Africana”. Quanto à décima terceira, com título de “Guerreiros”. A última (Ala décima terceira) tece como assunto: “Aprisionado”. Esta parte do desfile denunciou a ideia do poder como responsável pela escravidão através da busca desenfreado pelo lucro e novos territórios. A Europa, na expansão colonial, fez emergir reinos que irão forçar uma produção acumulativa. Para isto precisou do uso de pessoas nas condições escravos. O carro-alegórico com título de “tumbeiro”

O Setor 4, com o tema “Sofri nos braços de um capaz”, colocou sete alas: Décima quarta (escravos no canaviais); décima quinta (escravos nos cafezais); décima sexta (Escravos com Ouro e Diamante); décima sétima (feitores); décima oitavo (Escravos na Faiscação); Décima nona (Escravos nas Minas); vigésima (Escravos de Ganho). Chega-se na história do Brasil colônia. A mão de obra escrava passa a ser usada pela exploração portuguesa, tornando-se uma fator preponderante a produção econômica do País. O carro alegórico foi sobre o “Ouro negro”.

O Penúltimo Setor (5), tendo o tema: “Um Rito, Uma Luta, um homem de cor” contou com as seguintes alas: “Abolicionistas”(Ala Vigésima Primeira); “O Homem de Cor” (Ala Vigésima segunda); As Camélias do Leblon (Ala vigésima terceira); Damas de Ferro (Ala Vigésima quarta). Este parte faz perceber que mesmo depois da colonização a mão-de-obra com base na escravidão prossegue no percurso da formação do Povo Brasileiro. Há uma intensa alteração na dinâmica político-social, cultural e econômica do País frente às mudanças internacionais que surgem no século IXI. O Setor 5, como ultimo, manifestou cinco alas: Cativo Social (Vigésima quinta); “Trabalho Escravo Rural” (Ala vigésima sexta); Trabalho informal (Ala vigésima sétima); “Guerreiros da CLT”(Ala vigésima oitava); “Manifestoches” (Ala 29).

5 METODOLOGIA

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A razão da escolha, nesta investigação científica, pela pesquisa qualitativa está em suas características favoráveis em considerar da realidade com suas questões complexas e flexíveis, cuja apreensão não seria possível com uma abordagem quantitativa. Esta não conseguiria atingir as questões subjetivas, a dinâmica e símbolos em seus significados e outras coisas (MINAYO, 1994, p. 21 e 22). Por isto decidiu-se seguir por uma investigação a partir de uma abordagem qualitativa.

Para isto, seguiu-se, no primeiro momento, por uma apanhado na história elementos acerca da relação escravidão e resistência negra no período da colonização, indicando algumas formas de luta negra (RIBEIRO, 2015; MOURA, 1993). No segundo momento, houve uma preocupação em colocar que a “Nova situação” dos negros, a partir da assinatura da Lei Áurea não significou o começo da liberdade, mas, na verdade nasceram novas formas de opressão. Todavia, os negros continuaram a lutar. Nisto, destacaram-se alguns grupos (FERNANDES, 2017; MUNANGA e GOMES, 2006). Neste ponto, é importante colocar que ficou na pesquisa uma lacuna no que tangem ao Movimento Negro na atualidade com seus múltiplos desafios no que diz respeito as situações de trabalho alusivas a escravidão, mas isto não afetou a objetivação da investigação. Já no terceiro momento, para a coleta de dados, os materiais em webjornais, blogs e revista eletrônica foram suficientes ao objetivo da pesquisa. Vale destacar que o livro Abre-alas disponibilizado na internet após o desfile, pela Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, foi de grande contribuição na coleta dos dados, uma vez que a redação do material é dos próprios representantes da Escola, exigida pelo grupo que organiza os desfiles.

No terceiro momento, tendo os dados coletados, foi possível ser feito uma análise a partir do método histórico-dialético, uma vez que ele contribuir na apreensão da realidade quando as contradições, as interrelações entre as coisas e as transformações (LAKATOS, 2003, p. 100).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A pesquisa preocupou-se em fazer uma análise da relação trabalho escravo e resistência negra na história do Brasil a partir do desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti no Rio de Janeiro, em 2018, por razão de sua repercussão na redes sociais, grande mídia e na sociedade no que toca ao seu tema. Para, primeiramente, foi feito um apanhado bibliográfico acerca de alguns elementos de luta dos negros em diferentes momentos na história da formação do Brasil. No segundo momento, foi analisado o desfile da Escola de Samba citada, cujo enredo “Meu Deus, Meu Deus, Está extinta a Escravidão?”.

Persebe-se que, na história do Brasil, o trabalho tem se apresentado em diferentes períodos numa relação com a escravidão, onde o negro ao mesmo tempo em que é mais afetado, tem resistido contra esta lógica. O desfile investigado expressou não somente a violência contra os trabalhadores pobres e, sobretudo, negros, mas também a resistência dos escravizados.

Então, diante do que foi apreendido, sem esgotar o que poderia ser analisado, considera-se que o desfile foi um evento significativo á formação da consciência política do povo por apontar, de forma criativa, didática e articulada, que as diferentes formas de trabalho na história do Brasil, tem relação com a escravidão, mas que, por isto, sempre houve resistência do negro, sobretudo.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. 1 Ed. São Paulo: Expressão Popular e Fundação Percecu Abramo, 2017. 160 p.

GOMES, A. S. **O Trabalhismo e o Movimento Social Negro brasileiro (1943-1958)**. *Temporalidades*, v. 4, p. 177-196, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



LIESA. **Abre-Alas:** Rio Carnaval 2018. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/material/carnaval18/abrealas/Abre-Alas%20-%20Domingo%20-%20Carnaval%202018%20-%20Atual.pdfZ>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

MOURA, Clóvis Steiger de Assis. **Quilombos:** resistência ao escravismo. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993. 94 p.

MUNANGA, Kabengele & GOMES Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje.** Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.

FORUM. **População já elegeu a campeã do carnaval do Rio de Janeiro: Paraíso do Tuiuti.** 2018. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/populacao-ja-elegeu-campea-do-carnaval-do-rio-de-janeiro-paraíso-do-tuiuti/>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro:** A formação e o sentido do Brasil. 3 ed. São Paulo: Global, 2015. 358 p.

RICHMOND. **Morro do Tuiuti:** O Morro que Conta a História do Rio. 2013: <<http://rioonwatch.org.br/?p=7404>>. Acesso em: 15 jul. 2018.